p. 135-161

V. G. KIERNAN

ESTADOS UNIDOS

O NOVO IMPERIALISMO

Tradução de
RICARDO DONINELLI-MENDES

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2009

2

Novos sonhos de Império

Da Guerra Civil até a guerra com a Espanha em 1898 passou-se apenas uma geração, o que parece ser aproximadamente o tempo necessário após um grande conflito para a guerra voltar à moda e para a espada brilhar de novo com um lustre romântico. A força armada americana permanecia pouco significativa, numa época em que a da Europa estava crescendo prodigiosamente e a do Japão seguia o mesmo caminho. Essa era a época do "voto maricas", da falta de gosto por qualquer preparação belicosa, que Theodore Roosevelt viria a denunciar violentamente.[23] Fabricantes que poderiam esperar um clamor por pedidos de armamentos de modo geral podiam encher seus livros sem eles; e apenas um país em que os inimigos estejam tão próximos a ponto de os contribuintes poderem sentir que estão em perigo crônico é convencido com facilidade a pagar por eles. Uma recomendação em 1878 para uma base naval no Havaí passou desatendida. Quando o comércio europeu entrou em depressão em 1879, John Bright, o quacre e radical inglês, pensou que a América estivesse numa posição melhor graças a não ter ainda "criado um Beaconsfield ou um Salisbury para dirigir mal sua política e desperdiçar seus recursos" em extravagâncias imperiais.[24] Durante a Guerra do Pacífico, que eclodiu naquele ano, os chilenos, tendo comprado da Inglaterra alguns novos navios couraçados, puderam desafiar os esforços canhestros

de Washington para salvar o Peru da tomada de suas províncias. A reivindicação grandiloqüente do secretário de Estado Blaine no curso dessa disputa, de que o poderio militar dos EUA era "sem limite, e em qualquer conflito no continente americano completamente invencível",[25] era ridiculamente mentirosa em termos de força disponível. Nos anos seguintes, oficiais americanos que cruzaram aquelas águas ressentiram-se de uma provocação chilena, considerada insolente.[26]

A filosofia americana já estava mudando, ou estava prestes a mudar. Na década de 1890 isso ficou aparente; recentemente, historiadores passaram a ver os anos 1880 como um prelúdio para a mudança, "uma época de tatear na direção de uma política internacional mais adequada para a nova força industrial do país".[27] Um sintoma foi o programa naval adotado em 1881, mesmo que não tenha logrado progresso rápido, e que tenha havido muita margem para compensar. Alguém escreveu uma profecia satírica em que a América provocava a Grã-Bretanha para a guerra e era facilmente derrotada.[28] Mas era séria a publicação, em 1890, do livro do capitão Mahan sobre poderio naval que imediatamente se tornou "a Bíblia de governantes, políticos e almirantes americanos, britânicos, japoneses e alemães".[29] O poderio naval é um ramo da tecnologia e em tal esfera os EUA estavam prontos para ser os líderes. Ainda naquela década, mesmo que de modo menos marcante, o Exército também estava tentando se recompor, melhorar o treinamento de oficiais e emergir dos "anos de chumbo" posteriores à Guerra Civil.[30]

Um fator que agiu na mudança da disposição do público foi a pressa imprudente com a qual os recursos das colônias domésticas americanas estavam sendo esgotados. A história do avanço do homem branco também foi "a história da pilhagem e do uso incorreto da terra".[31] O solo leve de Oklahoma logo foi transformado por seus novos fazendeiros numa região de solo seco sujeito a grande erosão pelo vento.[32] Muitos desses fazendeiros estavam cheios de dívidas ou eram forçados a alugar terras de especuladores ou a ganhar a vida com dificuldade como meeiros. Como acontecia freqüentemente no Oeste, a "colonização" pertencia à ilusão democrática americana, assim como à realidade. Veblen escreveu o relato clássico da espoliação das terras florestais, a prática americana de "converter toda a riqueza pública para ganhos privados num plano de confisco legalizado".[33] É claro que quem tinha capital à disposição é que ficava com os lucros; e os capitalistas engajados em

"desentranhar os recursos madeireiros do país" eram, como regra, "aprovados com entusiasmo e admirados por seus concidadãos", e muitas vezes eleitos como guardiães adequados dos interesses do país.[34]

Sobre tudo isso, poucas dúvidas foram sentidas, mas havia um certo alarme relativo à velocidade com que o processo de apropriação chegava à conclusão. Foi parcialmente um mal-estar psicológico, o sentido de uma marcha para o Oeste que havia consumido séculos chegando ao fim tão rapidamente sem nenhuma outra alternativa à vista. "A fronteira acabou", escreveu Jackson Turner em 1893, "e com isso encerrou o primeiro período da história americana." Mas a vida americana tinha passado a ficar imbuída de um "caráter expansivo" que não podia ser descartado: "O intelecto americano demandará continuamente um campo sempre mais amplo para se exercitar."[35] Esse intelecto ativo havia levado o país nos últimos tempos a uma devoção frenética para atravessar uma fronteira mais espectral: o espiritualismo, como George Eliot aprendeu com sua amiga Sra. Harriet Beecher Stowe, havia feito demandas "muito mais compulsórias sobre atenção séria" na América do que na Inglaterra.[36] Ainda assim, havia outras demandas mais imperativas — as de Wall Street.

Uma corrida pela riqueza não constituía novidade, mas agora ocorria numa escala sem precedentes. O crescimento industrial havia sido acelerado pela Guerra Civil, com seus enormes ganhos, mais ou menos de reputação duvidosa, para aproveitadores. Uma nova ordem estava nascendo da guerra e da conquista. "O Sul representava a bigorna sobre a qual o capitalismo forjou seu poder político."[37] Em seguida, vieram as massas de mão-de-obra exploradas vindas da Europa. O resultado foi um ritmo impetuoso ultrapassando de longe o melhor que a Europa podia mostrar. Em 1888, Engels escreveu de Montreal para um amigo germano-americano sobre a morosidade da vida no Canadá se comparada com os EUA. "Aqui se vê como é necessário o espírito especulativo febril dos americanos para o desenvolvimento rápido de um novo país... a necessidade econômica de uma infusão de sangue ianque encontrará seu caminho e abolirá essa ridícula fronteira."[38] Muitos americanos também pensavam assim, e o Canadá francês poderia ter sido menos estagnado como membro da União do que como um remanso do Canadá britânico. Muitos canadenses franceses se mudaram para a Nova Inglaterra. Um futuro premiê canadense, Mackenzie King, estudou nos EUA no período de 1896 a 1900, cercado pelo turbilhão de fazer dinheiro.[39]

A febre especulativa trouxe com ela, mais exageradamente do que na Europa, crescimentos rápidos e crises repentinas. Houve um *crash* bancário em 1883 e outro em 1893, seguidos por uma depressão prolongada e por desemprego intenso. No mesmo período a América estava alcançando o que os economistas chamam de uma balança comercial favorável, o que significa que, por habilidade ou sorte, o país está conseguindo vender mais do que compra. Grandes exportações de trigo começaram em 1879, expondo fazendeiros aos altos e baixos do mercado mundial. No final do século, dois terços das exportações ainda eram alimentos e matérias-primas, e o excedente se destinava a pagar dividendos de investimentos estrangeiros na América.[40] Mas agora também estava prestes a haver um excedente de produtos manufaturados, o que era ainda mais formidável devido à inovação, e porque estava sendo acelerado pela depressão doméstica. Mercados maiores no exterior passaram rapidamente a parecer não apenas desejáveis, mas vitais para a sobrevivência.

Obviamente não havia uma necessidade *racional* de exportações gigantescas; daí a irracionalidade que marcou toda a época de expansionismo que começava então. Os EUA já não dependiam da Europa para bens de capital e ainda não dependiam do resto do mundo para muitas matérias-primas. Mas possíveis exportadores não se preocupam com as necessidades da economia nacional; e a América há muito tempo já era o lugar freqüentado pelo grupo de pressão, organizado para impulsionar a pesada diligência do Estado em uma direção ou outra — parentes crescidos de "Gentle Grafters" de O'Henry mascateando seus lingotes de ouro e diamantes para gente rústica e crédula. O país estava produzindo mais bens manufaturados e mais alimentos do que conseguia consumir, declarou o senador A. J. Beveridge, de Indiana, acrescentando como uma dedução óbvia: "O destino escreveu nossa política para nós; o comércio do mundo deve ser e será nosso."[41] Aqui se encontrava tanto a lógica curiosa do capitalismo quanto a obsessão americana com destino; um exemplo de época recente de como, do mesmo modo que no século XVII, o determinismo calvinista podia se fundir com energia superabundante.

Interesses que clamavam por expansão podiam contar com uma audiência mais indulgente porque o país estava nas garras de tensões sociais e políticas, que a indústria pesada teria gerado de qualquer maneira, mas a imigração em massa piorou. De repente a América encontrou a Europa e suas enfermidades dentro de seus próprios portões; não apenas a economia, mas a estrutura social parecia, para olhares ansiosos, estar cambaleando. Se a oligarquia sulista ainda estava restabelecendo o controle de uma sociedade transtornada com a Guerra Civil — em linhas que se comparavam com a antiga escravidão, muito como o neocolonialismo se compara com o domínio imperial direto —, a burguesia do Norte estava lutando para manter o controle de uma força de mão-de-obra inchada por imigrantes nem sempre agradecidos e dóceis. Uma enorme massa de miséria humana envolveu-se em desarraigar milhões de pessoas e transferi-las da Europa para a América, num processo só menos doloroso do que o de milhões da África. Nova York era uma cidade muito semelhante a Manchester descrita por Engels, com sua horda de imigrantes irlandeses pobres, numa escala maior. Uma Liga de Restrição à Imigração estava fazendo o que podia em relação às deficiências dos recém-chegados, que ela geralmente descrevia como raciais ou congênitas em vez de o resultado de condições sociais.[42]

Lutas entre trabalhadores e guardiães da "ordem" oficiais ou não oficiais estavam começando antes que as lutas entre homens brancos e peles-vermelhas tivessem acabado, e os hábitos criados pelo antigo tipo de guerra prepararam o caminho para os novos, especialmente no lado dos guardiães. Em Nova York, o ano de 1874 começou com um episódio chocante da polícia atirando numa passeata de desempregados; em 1877 uma greve da ferrovia também levou à perda de vidas. Trabalhadores estavam aprendendo que precisavam de armas de defesa de ação mais rápida do que votos, e em 1893 desordens sérias espalharam pânico. "A milícia não queria ou não podia dominar essas manifestações gigantescas. Bandos das piores classes queimavam e saqueavam carros."[43] O revés econômico em parte fornecia seu próprio antídoto, trazendo uma massa de recrutas desempregados para o Exército. "O que o Congresso deixou de criar, a Providência forneceu", escreve o historiador do Exército.[44] O Exército estava dando treinamento em controle de distúrbios para as forças locais; e em 1903 aconteceu o reconhecimento federal da Guarda Nacional como uma milícia de elite com a mesma função da Guarda Nacional criada na França em 1789 para armar os "cidadãos ativos" ou a classe média contra os pobres.

O capitalismo também tinha suas forças armadas. "Em certas regiões industriais dos Estados Unidos", viria a dizer o presidente Wilson na Conferência de Paz de Paris, defendendo suas propostas para o Saar, "as grandes

empresas privadas mantêm sua própria polícia, que opera na fábrica ou nas áreas carboníferas, sem qualquer conflito com as autoridades locais ou federais."[45] Além disso, havia reservas para as quais qualquer um deles podia apelar. Em seu estudo sobre militarismo, Karl Liebknecht observou que "nos detetives armados da Agência Pinkerton, os capitalistas americanos têm uns 'cem da pesada' de primeira qualidade permanentemente a seu dispor".[46] Conan Doyle escreveu um romance sobre um vale de minas de carvão na América, com um homem da Pinkerton como herói e uma gangue de chefões de sindicatos assassinos como vilões.[47] Viria o tempo para homens da CIA liberarem países estrangeiros das garras sinistras do comunismo muito como seu precursor liberou esse Vale do Medo.

O socialismo ainda falava em tons suaves no romance utópico de Edward Bellamy, de 1888, que vendeu rapidamente um milhão de exemplares: uma previsão rósea de americanos recusando-se a continuar "baixando a cabeça para uma plutocracia como a de Cartago", e pacificamente fazendo a economia ficar sob domínio público. "A opinião pública havia amadurecido completamente para isso, e toda a massa de pessoas estava atrás disso."[48] Mas anos de agitação seguiram-se à crise financeira de 1893, e no final da década a metralhadora, uma das grandes invenções americanas, experimentada seriamente pela primeira vez na Guerra Civil, passou a ser usada regularmente em disputas entre capital e mão-de-obra.[49] A distância que o país estava atravessando pode ser medida por aquela entre a utopia de Bellamy e o livro *O tacão de ferro*, de Jack London, publicado em 1907, que retrata um futuro iminente de guerra feroz de classes e faz uma profecia do fascismo.

A tensão social se fez acompanhar de inquietação intelectual. Uma doutrina muito em voga como uma resposta ao protesto das massas foi o darwinismo social. Rockefeller foi um expoente ilustre da idéia de que a luta pela sobrevivência, ao levar homens como ele ao topo, era indispensável para o progresso. Um ponto negativo era que a teoria podia cortar nos dois lados: marxistas a consideravam um endosso da luta de classes. De modo semelhante, no campo da competição entre nações ou raças, o darwinismo poderia sugerir conclusões deprimentes. Começavam a surgir dúvidas sobre o futuro da civilização americana e européia no mundo, assim como sobre o da plutocracia. Ocidentalizar o Japão poderia ser um elogio para os EUA, mas um homem da raça amarela, equipado com as armas, uniformes e maquinário

do homem da raça branca poderia parecer mais estrangeiro do que antes; e o ódio popular doméstico pela mão-de-obra chinesa estava encontrando um paralelo na ansiedade de homens de negócios sobre a rivalidade industrial de um Extremo Oriente despertado.[50] A visão soturna do escritor inglês Charles Pearson em 1893 das raças brancas submersas numa maré de cor provocou uma forte impressão em leitores americanos.[51]

O trabalho de Brooks Adams *The Law of Civilization and Decay* foi publicado em 1895 em Londres, e numa forma revisada um ano depois em Nova York. Foi um marco na história do pensamento americano, sendo visto como uma antecipação impressionante de Spengler.[52] Esse membro de uma das famílias mais cultas da América tão em casa na Europa, quanto em seu próprio lado do Atlântico, estava pesquisando história a partir dos tempos romanos, com algo como uma ênfase marxista em economia e descobrindo a economia sempre mais dominada por ganâncias comerciais filistéias e enormes aglomerações de capital. Ele foi manietado entre antipatia pela sociedade capitalista e pavor do socialismo, uma condição conhecida de intelectuais modernos. Dos dois males, para um Adams, o segundo era, sem dúvida, o pior. Ele e o irmão Henry ficaram imensamente aliviados com o advento de Bernstein, o revisionista, que eles achavam estar privando o marxismo de suas presas revolucionárias.[53] Brooks Adams também foi um imperialista, aliado de Roosevelt, apesar da impaciência deste último com suas teorias de decadência; ele queria que a América desse as mãos à Grã-Bretanha numa futura luta pelo controle da China. Muitos filósofos da melancolia posteriores encontrariam no fascismo uma saída semelhante para seu dilema.

Tanto em casa quanto no exterior, o darwinismo podia ser incluído, numa versão agressiva positiva, no lado conservador, em vez de ser deixado para criar dúvidas corrosivas. Além disso, a história da nação permitia que o expansionismo fosse retratado como simplesmente uma seqüela lógica, um capítulo seguinte. Uma fronteira havia se fechado, outras estavam se abrindo; algumas raças inferiores haviam sido subjugadas, havia chegado o tempo para outras serem utilizadas. Essa linha de argumento era muito mais persuasiva do que qualquer ensinamento de cursos novos e desconhecidos. Beveridge sustentou que a Marinha mercante e o telégrafo modernos transformavam a possessão de territórios estrangeiros em algo tão natural quanto a expansão por terra no passado.[54] Muito da habilidade de Theodore Roosevelt foi em-

pregada em convencer os americanos de que aquilo não era "imperialismo", mas simplesmente a natural progressão do crescimento do país.[55]

Na mente ou constituição emocional de Roosevelt, esse era exatamente o caso. Escritor dedicado ao Oeste Selvagem e às guerras indígenas, ele assumiu uma "atitude autenticamente da fronteira do Oeste", e estava bem preparado para explicar a necessidade de tratar os selvagens de modo selvagem.[56] Nisso ele lembrava Sarmiento, presidente da Argentina, sempre preocupado com a distância entre civilização e barbárie, e mais com o problema racial no Novo Mundo.[57] Para Roosevelt, o imperialismo também tinha seus males, porém constituíam o preço a ser pago para o progresso.[58] Conservadores sempre consideraram esse um preço bom, porque é pago por outros, enquanto o preço do progresso socialista lhes parece exorbitante. Com seus amigos Henry Cabot Lodge, Adams, Mahan, John Hay e outros, Roosevelt pertencia a um círculo de expansionistas, cada um dos quais tinha seu motivo especial e fazia sua própria contribuição. Ele mesmo sofria de fraqueza física, e seus esforços para superá-la podem ter ajudado a lhe dar uma admiração pela força, assim como um braço ferido inspirado no cáiser.

O propagandista mais bem-sucedido de todos pode ter sido o reverendo Josiah Strong, cujo livro com alta vendagem foi publicado em 1885. Um de seus temas foi o perigo da superpopulação. Até este ponto as seções mais antigas do país haviam desfrutado do mesmo valor de segurança da emigração para o Oeste quanto a Europa o havia feito na América. "Parece-me", escreveu ele tendo isso em mente, "que Deus, com sabedoria e perícia infinitas, está treinando a raça anglo-saxônica para um momento que com certeza virá." Esse era o momento "da competição final das raças... Se não li errado, essa raça poderosa descerá para o México, irá para a América Central e do Sul, para as ilhas oceânicas, para a África e além...". Ele não tinha em mente uma "guerra de exterminação": as raças mais humildes simplesmente se atrofiariam (também graças à inspiração Divina): elas eram "apenas precursoras de uma raça superior".[59] Isso era apenas o que tantos haviam dito dos peles-vermelhas, enquanto outros falavam de exterminá-los; e era natural que os americanos, agora observando cuidadosamente a humanidade desde a China até o Peru, vissem todos os povos atrasados como primos-irmãos de seus próprios aborígines.

Apelos comoventes como esses devem ter produzido algum efeito para evitar o conflito social tão temido por conservadores. Foi demonstrado como

"atormentar negros" no Sul fornecia um desafogo para as frustrações e insatisfações de brancos pobres;[60] no Norte industrial o entusiasmo patriota podia ter um propósito semelhante. Era o remédio que a Europa havia descoberto, e uma americana infectada por males europeus muito provavelmente se recuperaria com o mesmo tratamento. Ainda havia o motivo adicional de transformar recém-chegados em americanos leais. Um imigrante escreveu um relato, alguns anos depois, sobre como o patriotismo demagógico funcionava, sobre como um sentido de inferioridade entre recém-chegados fazia alguns deles se sentirem ou fingirem se sentir "patriotas de modo chauvinista" e "prontos para quase qualquer tipo de movimento nacionalista ou fascista superficial e ignorante..."[61]

Porém muitos, sem inclinação particular para movimentos esquerdistas, também não apreciavam agitações de direita. No crítico ano de 1893, o velho e sólido radical Carl Schurz foi instigado a protestar contra o clamor crescente; talvez mais diligentemente porque sua Alemanha nativa estava nas garras de uma mania muito semelhante. "O Destino Manifesto", escreveu ele, "sempre era alardeado para fazer qualquer extensão cobiçada de poder parecer inevitável." Após uma calmaria posterior à Guerra Civil, quando isso entusiasmava apenas alguns indivíduos como Seward, "cujo cérebro estava constantemente ocupado com planos de anexação", esse sentimento estava vindo à tona novamente na forma de demandas por territórios não mais contíguos aos EUA, mas longínquos. Foi encorajado por grupos pequenos, mas "muito demonstrativos": nacionalistas, homens da Marinha e homens de negócios com interesses em partes estrangeiras cujo "aparente patriotismo... era para ser recebido com a devida desconfiança". Argumentos de segurança estratégica foram exortados para dar apoio: Cuba "comanda" ou "ameaça" o litoral americano, e em mãos hostis o colocaria em perigo — mas o mesmo poderia ser dito de vários outros lugares. (Uma bola de cristal teria mostrado Grécia e Taiwan entre eles.) Na verdade, ele afirmou, os EUA eram o único grande país resguardado de qualquer risco sério de invasão, conseqüentemente sem necessidade de armamentos pesados.[62]

A objeção mais profundamente sentida de Schurz foi que, considerando "o espírito de nosso sistema constitucional", qualquer território comprado teria de ser admitido na União com rapidez como um estado novo, e embora o Canadá, se quisesse, pudesse ser incorporado com rapidez, a maioria das

outras terras não poderia ser incluída sem ameaça à democracia. Essa tese realmente excluía quaisquer colônias, no sentido europeu, para os EUA. Baseava-se em suposições naturais relativas à longa época em que a bandeira nacional norte-americana estava se multiplicando num continente ocupado por uma dispersa população indígena. O prognóstico de Strong, fortalecido pela sua mistura de eleição calvinista com seleção darwinista, presumia que o mesmo processo continuaria fora da América do Norte, e indefinidamente; portanto, o dilema de Schurz não procedia. Na verdade, terras densamente habitadas não se esvaziariam com a chegada predestinada do homem branco. Tampouco havia qualquer perspectiva real de a América precisar de tanto espaço extra para se viver. Ela ainda estava procedendo por tentativas, sentindo suas possibilidades; porém mais espaço para colonizadores não era seu objetivo para as colônias.

O livro de Strong foi escrito para levantar recursos para o trabalho missionário. Poderia parecer ilógico enviar missionários para lugares onde estavam raças destinadas a desaparecer, mas sempre houve a anomalia de trovões calvinistas destinados a malvados incapazes de aproveitá-los. A religião era outra força que alimentava aspirações diretas para o exterior, assim como uma auxiliar para acalmar tensões domésticas; continuava ininterruptamente sua longa tarefa de levar iluminação para novas partes remotas incultas da União, com a mesma incumbência que nas terras longínquas do mundo. Como parte do seu modo de pensar antiquado, a América continuava, como ainda continua, a ser um país pio ou que freqüenta a igreja; e seu poder crescente no mundo sempre reteve um caráter missionário, composto por alguns ingredientes genuínos, entre outros. A Europa suspeitava de artificialismo ou hipocrisia, do mesmo modo como franceses costumavam suspeitar de seus vizinhos ingleses tementes a Deus; mas pode ser que qualquer nação, agitada ou ambiciosa, inclinada a fazer desaparecer a poeira da história, exija uma má interpretação protetora de si mesma e de seus motivos, se for perturbar a ação com a pálida inclinação do pensamento.

Os EUA começaram como uma nação firmemente protestante em um Novo Mundo quase totalmente católico ou pagão, e isso estava fadado a impor um sentido de superioridade, que poderia sugerir um dever para resgatar seus vizinhos da escuridão. Isso sempre esteve presente em sentimentos sobre Cuba e podia rapidamente se amalgamar ao complexo de impulsos que levavam ao

imperialismo. Quase todas as igrejas protestantes apoiariam a guerra contra a Espanha católica. Algumas delas haviam sido até não muito tempo atrás firmes defensoras da escravidão, como algumas na África do Sul de seu sucessor, o *apartheid*. Charles, irmão de David Livingstone, que estudou durante alguns anos em Ohio, escrevendo para ele em 1847 falou sobre sua relutância para se alistar na Sociedade Missionária Americana. "Uma Sociedade formada por escravagistas e por aqueles que defendem a escravidão não serve para mim..."[63]

Agora que o esforço missionário era financiado em grande parte por capitalistas, alguns com mentalidade não muito diferente, igrejas julgaram ainda mais natural defender a livre empresa e justificar o imperialismo, desde que fosse vestido de fraseologia respeitável. Havia um "clima de opinião no qual missões podiam ser ligadas a considerações mais terrenas do que se inebriar com o Espírito Santo...".[64] Mark Twain satirizou a raiva vingadora de missionários na China depois da Rebelião Boxer em 1900, e o jargão da "missão civilizadora".[65] Igreja e Estado estavam convergindo; e se no campo da missão os protestantes lideravam, a minoria católica nos EUA crescia, e a contribuição de seus missionários ajudou a associá-la ao prestígio americano e assim estabelecê-la como verdadeiramente americana. De forma semelhante, o clero católico francês estava mantendo sua posição na Terceira República anticlerical em parte porque era um auxiliar útil na ocupação da Indochina. Um dia um cardeal e capelão geral americano se posicionaria no Vietnã, numa noite de Natal, exalando fogo e massacre contra os rebeldes.

Claramente, o prazer com que britânicos e americanos consideravam suas conquistas como "liberações" de povos oprimidos tinha muito em comum com o desejo missionário de liberá-los das correntes do pecado e da superstição (e posteriormente, do último cativeiro, o comunismo), enquanto lhes apresentavam um novo modo de vida, um renascimento que significava serem refeitos segundo a imagem de seus mentores. Muito antes de o cardeal Spellman pôr os pés no Extremo Oriente, um missionário médico, Peter Parker, que foi nomeado ministro americano na China em 1855, mostrou ser adepto de métodos violentos para lidar com os chineses; ele teria gostado que seu país anexasse Taiwan.[66] Também em muitos outros pontos, o capital espiritual e financeiro que a América estava investindo no exterior podia ser encontrado com muita proximidade. O esforço missionário tinha sua própria acumulação de fundos. Na opinião de um inglês no Extremo Oriente, seus representantes pareciam

viver com conforto considerável.[67] No Havaí, onde os missionários tiveram muita liderança no estabelecimento da influência americana, alguns deles ou seus filhos adquiriram terras e se estabeleceram como plantadores de cana-de-açúcar.[68]

"A maioria dos americanos envolvidos em operações estrangeiras é de alguma maneira missionária", afirmou um ex-presidente do Banco Mundial.[69] O contrário também era verdadeiro: os missionários americanos (assim como aqueles de outros países) não se esqueceram de sua nacionalidade e imaginaram o caminho para o Céu como uma auto-estrada construída por americanos. Eles foram menos surdos do que outros ao argumento exortado por muitos leigos de que tinham de ir além da divindade e mostrar mais preocupação com o progresso temporal — o que em termos comerciais significava o progresso de lucros. "Serviços imensos... poderiam ser prestados para nossos interesses comerciais", conforme afirmou um porta-voz do comércio britânico, "se os membros das várias missões na China cooperassem com nossos cônsules na exploração do país e na introdução de idéias comerciais, assim como de idéias puramente teológicas na inteligência dos chineses".[70]

O comércio, ou capitalismo, fazia parte de um plano divino para regenerar o mundo pagão. De outra perspectiva, essa preocupação com temporalidades era parte de uma mudança total na direção de trabalho para o bem-estar social, ajuda médica e educação. Isso servia à vocação prática da América e expressava um propósito duplo de filantropia genuína e incorporação de compradores para bens americanos, quer o objetivo americano fosse território colonial próprio ou obter, mais indiretamente, uma posição segura e oportunidades. Era natural para seus missionários sentirem o desejo comum por campos onde pudessem trabalhar sob a própria bandeira, labutar nos próprios vinhedos, o que fez de associações missionárias alemãs defensoras fervorosas do colonialismo. Porém, no império britânico toda a educação superior era em sua própria língua, e as universidades que montaram na China ajudaram a fazer do inglês o meio de expressão do pensamento moderno também ali. Missionários da América, assim como seus homens de negócios, tinham fundos, energia e o nome do país para ajudá-los; eles levaram um novo talento para organização para dar suporte às suas tarefas. O dinamismo ianque podia criar sistemas burlescos de produção em massa de convertidos, com batismo mais ou menos à vista, como na missão na China enfrentada pelo terrível inglês Canon Tyndale-Biscoe, onde conversões tinham de estar pres-

tes a acontecer o tempo todo para manter a entrada de dólares.[71] Com pretexto mais sóbrio, o esforço colocado na educação foi valioso tanto para quem recebia, que realmente tinha muito a aprender, quanto para a América, que tinha tanto para vender. A celebrada universidade de Beirute começou como uma faculdade missionária, em 1866, e foi responsável por muitas ações louváveis; porém, não se pode esquecer o significado do fato de que metade do orçamento foi pago pelo Departamento de Estado e que o Líbano é um país onde a América considerou apropriado há poucos anos realizar uma intervenção armada.

3

América Latina e Ásia longínqua

No surto expansionista, o açúcar ou os dólares em que ele podia ser convertido lideraram o caminho. Se a América era de muitas maneiras um país mais estritamente moderno ou burguês do que qualquer país europeu, suas *plantations*, domésticas ou no estrangeiro, representavam um tipo de empreendimento separado de décadas de escravidão por apenas alguns poucos anos. A isso se faz necessário acrescentar as grandes refinarias de açúcar. Tomadas juntas, elas representavam um capitalismo mais primitivo do que as novas indústrias manufatureiras; elas podiam ser chamadas de um prolongamento da antiga propensão do Sul por mais terra e mão-de-obra barata. Cuba ainda representava a cenoura mais apetitosa pendurada diante do nariz americano. Quando houve uma rebelião na ilha em 1871, o ministro britânico em Madri, Sir Austen Henry Layard, conseguiu assegurar ao seu governo, com uma certa razão, que aquilo, na verdade, não era uma luta pela emancipação dos escravos, mas um movimento de independência "encorajado por um partido poderoso nos Estados Unidos".[72]

Esse partido, como todos os outros com algum interesse na região do Caribe, podia, como Schurz viu, tirar vantagem do nervosismo quanto à segurança nacional. Isso tornou-se ainda mais irritante quando Lesseps apareceu, em 1879, com seu plano de canal ístmico e provocou temores de uma

força repressora européia numa linha vital americana de comunicações. Em janeiro de 1880, o presidente Hayes (cujos presentes que recebeu no Natal incluíam um cobertor Navajo "muito bonito" do general Atkinson em Santa Fé) enviou um navio de guerra para cada um de dois portos, no golfo e no Pacífico, junto com uma rota proposta através da Nicarágua: como justificativa, havia concessões de terras ali, que se dizia terem sido feitas por um cidadão dos EUA. "Com a devida consideração aos direitos e desejos de nossas repúblicas irmãs no istmo", ele refletiu algumas semanas depois em seu diário, a passagem tem de ficar sob o controle dos EUA. Em 10 de fevereiro ele apresentou seus pontos de vista — "maduros, nítidos e decisivos" — para seu Gabinete, assegurando (até com Schurz como membro) aceitação unânime.[73] A doutrina Monroe foi invocada para assegurar a opinião sobre a qual Washington tinha o direito de insistir; tal uso da doutrina representou "uma nítida novidade".[74] Foi ainda mais anômala porque Frelinghuysen, no Departamento de Estado de 1881 a 1885, enquanto trabalhava para estender a influência dos EUA na América Latina, foi preparado para ajudar também na Europa, num estilo "completamente contrário ao princípio de desligamento de questões européias".[75]

Apesar de raízes profundas numa época mais antiga, o açúcar agora fazia parte das maquinações das altas finanças mais recentes. Uma série extraordinariamente complexa de rivalidades estava acontecendo, tendo como protagonistas usineiros nos litorais Oeste e Leste. Os primeiros tinham como objetivo o Havaí e a maioria dos plantadores americanos para obter ali uma parte maior do açúcar não-refinado; um tratado de reciprocidade de 1875 constituiu a âncora de salvamento. Seu líder era Claus Spreckels, outro alemão de origem como Carl Schurz, mas de aparência oposta; ele passava longas temporadas na Alemanha, sendo sem dúvida revigorado pelo contato com a terra natal, então em marcha para se tornar um império. Seu odiado concorrente na Costa Leste era Henry Havemeyer, financeiramente bem-sucedido e não menos desinibido, que recorreu à produção mais rica de Cuba e que obteve vantagem formando, em 1887, o Truste do Açúcar, uma das primeiras forças corporativas poderosas da América.[76] Plantadores de cana da Louisiana constituíam um rival, embora capazes de atender apenas a uma parte limitada da enorme demanda; plantadores de beterraba estavam chegando para formar um quarto rival. Tarifas e diferenciais sobre importações não-refinadas ou refinadas eram de importância vital para todos eles. Impostos sobre importação eram importantes para muitos outros setores; e se o Partido Republicano, agora sem dúvida o partido dos grandes negócios, esteve no comando durante a maior parte do período de 1860 a 1912, isso foi em boa medida o resultado de sua astúcia para acumular fundos de campanha de empresas que não acreditavam em deixar as coisas nas mãos do destino.[77] A Lei da Tarifa de 1894 foi acompanhada por uma atividade incomum de *lobby*, que incluía adoçar senadores com parcerias no comércio de açúcar e outros acepipes.[78]

O Havaí, fracamente independente, poderia ser mais fácil de conquistar do que Cuba, e essa pérola oceânica bem para o Oeste há tempos representava uma tentação. Em 1887, plantadores americanos, que podiam passar como reformadores republicanos, forçaram a monarquia a introduzir um sistema parlamentar, no qual obviamente tinham o comando. Em 1893 eles reagiram às tentativas da rainha Liliokalani para recobrar sua posição, depondo-a e pedindo união com a América. Tudo foi muito semelhante aos colonizadores americanos tomando posse do Texas meio século antes, e havia ainda outro precedente nos antigos temores da América de ser interceptada na Califórnia pelos britânicos ardilosos, agora supostamente desejosos do Havaí. Cleveland, o presidente democrata reintegrado no poder em 1892, sentiu-se obrigado a rejeitar a anexação, mas concedeu reconhecimento à falsa república. Os debates sobre as ilhas continuaram. Os interesses pelo açúcar estavam divididos. Entre políticos, defensores de uma política progressista defendiam a anexação; um deles era Blaine. Schurz argumentou que o Havaí seria um "calcanhar-de-aquiles", enfraquecendo ao invés de fortalecer a segurança americana; além disso, que sua população mestiça de alguns habitantes indígenas e um bando cosmopolita de aventureiros estava pouco qualificada para ser incluída na União.[79]

A América do Sul, em comparação com a América Central e adjacências, era outro continente, na maior parte mais distante dos Estados Unidos do que da Europa ocidental. Vagabundos estavam abrindo caminho por lá com mais independência, apesar de que a ajuda governamental seria procurada quando necessária. Um episódio assim teve início em 1845, um ano de sentimentos expansionistas, quando um porta-voz semi-oficial, E. A. Hopkins, chegou ao isolado Paraguai. Estava cheio de princípios de livre empresa, e falou sobre isso ao ditador C. A. López, que governava com discrição mode-

rada uma economia baseada na propriedade comum de terras da população de índios Guarani. Tratava-se de uma versão primitiva do socialismo que Washington se determinou a impedir na atual América do Sul. Faz lembrar o capelão de Pizarro fazendo um discurso bombástico para o imperador inca sobre o Livro do Gênesis e a decadência da raça humana; mas Hopkins voltou para casa com a forte esperança de organizar um grande consórcio e ficou muito indignado quando não foi permitido que isso acontecesse. Ele realmente conseguiu complicar as coisas para os europeus, cujos projetos comerciais considerou parte de sua obrigação republicana contrariar.[80] Em 1858-59, seu governo se colocou a favor de uma companhia americana pretensamente maltratada, mas desistiu quando o arbitramento foi contrário:[81] meio século depois ele teria sido menos escrupuloso.

Em algumas outras regiões, os precursores do império tiveram menos trabalho. O exemplo mais impressionante disso foi a lendária carreira de Meiggs, que deixou em seu país uma falência fraudulenta para tornar-se o grande construtor de ferrovias do Chile e do Peru nos anos 1860 e 1870. Tudo o que foi exigido desse homem de negócios foi que ele não tivesse escrúpulos sobre distribuir subornos, já que os políticos e donos de terras peruanos os embolsavam; também que lidasse com a mão-de-obra local da mesma maneira sumária como lidavam com a mão-de-obra índia, africana e chinesa em suas *plantations*. Há alusões freqüentes nos papéis de Meiggs sobre *comprar* trabalhadores chineses dos intermediários que lidavam com eles.[82] Porém, empresas corporativas em larga escala estavam chegando à frente. Em 1880 houve grande investimento para a construção de ferrovias no México. Em casa, nos EUA, empresas ferroviárias lideravam na absorção de legislaturas estaduais, o que lhes proporcionou um treinamento excelente para comprar influência de governos estrangeiros. Empréstimos começaram a ser colocados no mercado para governos em ruínas, como o do Peru, por firmas como Morgan, que teve antes deles muitos exemplos sedutores britânicos e franceses de como tais regimes podiam ser emaranhados em dívidas pelas quais seus países continuavam pagando os olhos da cara.

Nessa época a Doutrina Monroe estava tomando uma dimensão comercial,[83] e sendo considerada um pedido para um status econômico e político especial para os EUA. Com isso, a sensibilidade para ingerências européias, reais ou suspeitas, tornou-se mais intensa. Estava acabando o tempo em que

ingerências européias convincentes podiam esperar não ser questionadas, mesmo muito além do Caribe, como aconteceu em 1866, quando a Espanha teve lutas com o Equador, Peru e Chile, e uma frota espanhola ficou navegando às cegas na costa do Pacífico. Seward anunciou que os EUA não se sentiriam sempre levados a intervir numa guerra sul-americana com a Europa, mas não permitiriam que instituições republicanas fossem destruídas de fora; em outras palavras, não permitiriam anexações. Um século depois, isso passou a significar não deixar que o capitalismo (ou feudalismo, na América Latina seu meio-irmão) fosse subvertido de dentro. Houve uma reação mais forte quando a Guerra do Pacífico levou à derrota do Peru e da Bolívia pelo Chile e ao confisco das áreas de nitrato e guano. James Blaine, o secretário de Estado inflexivelmente antibritânico, em 1881 ficou convencido de que a vitória chilena, na verdade, foi a vitória da Europa. Os americanos muitas vezes pensavam na Europa como um bloco mais unido do que de fato era. Nesse caso, a Grã-Bretanha e a França estavam em desavença, e no que dizia respeito à diplomacia britânica, as suspeitas de Blaine estavam erradas, talvez nem tanto com relação ao capital britânico. Houve americanos que queriam se opor com algo como um protetorado dos EUA no Peru.[84]

O Peru tinha muitas facções e feudos, não partidos verdadeiros. Onde havia espaço na América Latina para qualquer divisão séria entre um partido conservador e outro liberal — um mais e um menos não-progressista, as simpatias dos EUA tinham probabilidade de se ligar ao segundo. Assim eles expressaram um espírito democrático, que se tornou mais confuso e adulterado a cada 150 quilômetros a mais de distância de Washington; e também um desejo de passar a perna em concorrentes europeus, que geralmente estavam mais fortemente entrincheirados e inclinados a apoiar grupos locais mais reacionários. No Chile, havia um padrão de revezamento de favorecimento inglês ou não para a aristocracia rural, deixando os EUA como o dissidente esquerdista. Quando o chefe liberal Balmaceda estava sendo deposto em 1891 por um revoltoso conservador, Blaine, secretário de Estado novamente, ficou do seu lado e forneceu-lhe ajuda inútil.[85] Foi outra derrota. Os EUA se vingaram em 1892 pressionando uma disputa sobre um motim de marinheiros bêbados e exortando o país a arrancar um pedido de desculpas, já que sua Marinha agora era formidável o suficiente para permitir-lhe isso.

Havia um padrão semelhante no Brasil, onde diplomatas ingleses e de outros países europeus não paravam de se queixar enquanto desfrutavam das elegâncias da corte real solitária no Novo Mundo, de que jornais americanos e outras influências estavam sempre tentando abalar a monarquia — até que ela finalmente caiu em 1889.[86] Quando a Marinha amotinou-se em favor de uma restauração, o presidente Cleveland, apoiado por interesses comerciais, interferiu ancorando navios de guerra numa posição que detivesse os rebeldes.[87] Ele foi seguido pela empresa privada na figura de sua personificação — e do comércio de armas em particular — o globe-trotter C. R. Flint, que comprou navios, contratou voluntários e em três semanas colocou sua "Frota Dinamite" a serviço do governo brasileiro, que infelizmente não pôde pagá-lo.[88]

Dessas contendas, uma aspiração por hegemonia por todo o hemisfério estava nascendo. O povo ainda não estava muito interessado no que o secretário Evarts chamara de "posição suprema" dos EUA no Novo Mundo, mas com as ações subindo e descendo, no tempo devido, ele teria o mesmo ponto de vista de seus mentores. Como sempre, a agressividade por vezes tinha, e com mais freqüência ainda fingia ter, um propósito protetor. Já se disse que o imperialismo japonês surgiu de um impulso para dar ao Leste asiático liderança contra a Europa invasora,[89] e isso foi pelo menos uma de suas raízes emocionais. Um admirador peruano dos EUA tirou o máximo desse tema quando declarou que, se não fosse pelos EUA, a Grã-Bretanha teria transformado toda a América Central numa colônia e agora estaria tomando posse da foz do rio Orinoco.[90]

Isso foi uma alusão à longa disputa de fronteira entre a Guiana britânica e a Venezuela, na qual Washington adotou em 1895 uma linha muito dura contra Londres. Um estratagema venezuelano para garantir isso — "um expediente muito familiar, mas extremamente imprudente" — foi conceder amplos direitos de mineração de ouro para americanos na área disputada.[91] Intermitentemente havia suspeita de outros Poderes — França e a recém-chegada Alemanha — terem objetivos territoriais na América Central. Mas a hegemonia podia alegar mais uma função, a de manter a paz e prevenir rixas entre as repúblicas. Um estudioso ilustrado, não sem algumas dúvidas sobre a política de seu governo, apresentou a idéia plausível de que em seu próprio hemisfério ele tinha de exercer o mesmo tipo de autoridade que o conjunto da Europa exercia coletivamente.[92]

Era agora, escreveu o mesmo historiador em 1900, "um preceito bem-estabelecido de diplomacia americana" que questões das Américas deviam ser resolvidas por seus próprios povos.[93] Na prática, essa fórmula significaria comando de Washington. Blaine assegurou em 1881 que as ações de seu país na América Latina sempre fossem conduzidas "com tanta justiça que não deixassem espaço para se atribuir a nosso governo qualquer motivo, exceto o direito humano e desinteressado de salvar os Estados aparentados do continente americano dos pesos da guerra".[94] Administrações em Washington muitas vezes pagaram a si mesmas os tributos fastidiosos que na Europa são deixados para poetas laureados ou jornalistas pagarem, e Blaine havia sido jornalista. Um crítico aproximou-se mais do alvo quando disse que o tratamento dado pelo governo à Guerra do Pacífico havia dissipado seu prestígio na América do Sul e permitido "interferência européia direta".[95] Quando em 1889 Blaine realizou o primeiro Congresso Pan-americano regular em Washington, já havia dúvidas sobre a motivação dos EUA. Blaine queria que a Europa saísse da América do Sul e conseqüentemente queria que manufaturas dos EUA substituíssem as da Europa no mercado sul-americano, o que eles não estavam ainda robustos o suficiente para fazer. A ambição política ultrapassava o apetite econômico, como acontecia muitas vezes, mas o apetite aumentava com rapidez suficiente. Outros Congressos se seguiram em 1901, 1906 e 1910. Eles foram de certo modo um ensaio para a Liga das Nações patrocinada por Wilson em 1919, e motivos vários foram ativados nela tanto quanto nos Congressos. Entre o Pan-americanismo e a supremacia americana a distinção era apenas ilusória.

De algumas maneiras as atitudes americanas na América do Sul foram reproduzidas no Leste da Ásia. Os EUA também se ressentiram ali da liderança européia, principalmente britânica, e ficaram inclinados a expressar isso confraternizando com os povos nativos. Mas ali o país foi inábil para criar uma posição segura, exceto seguindo os europeus, como havia feito no passado. Daí uma discordância freqüente entre suas duas vozes, uma mais alta de sentimento de irmandade com a Ásia, outra mais abafada de aprovação da bravata européia. Os europeus continuaram a reclamar da duplicidade dos americanos, que tiravam plena vantagem de suas "Concessões", ou assentamentos extraterritoriais, enquanto se gabavam falsamente de não terem tomado nenhum.[96] Enviados americanos muitas vezes consideravam com desconfiança seus colegas planejadores, que por sua vez riam deles à socapa por serem grosseiros como cânhamo. Em 1868, Anson Burlingame, depois

de ser o primeiro-ministro residente dos EUA na China encarregou-se de uma missão chinesa no exterior e tentou convencer lorde Clarendon, no Ministério das Relações Exteriores, que a China não queria ficar imóvel, mas apenas não queria ser apressada de modo grosseiro demais.[97] Uma década depois, um enviado americano ainda pôde contemplar a China com uma parte da admiração que europeus sentiram por ela um século antes: esse observador, sem dúvida, tinha em mente uma semelhança entre ela e seu próprio país quando elogiou sua moderação ao respeitar os direitos dos pequenos países ao redor dela.[98]

A essa altura, um período de apenas interesse comercial fraco no Leste da Ásia estava terminando. Um novo ímpeto veio com o término em 1869 da estrada de ferro transcontinental; houve uma certa ironia, que não passou despercebida, em operários chineses construindo a linha que lançaria as aspirações americanas através do oceano na direção da China. A partir dos anos de 1880, produtores estavam sendo exortados, mais e mais insistentemente, a procurar mercados no Extremo Oriente, embora na verdade o comércio com a China e o Japão crescesse mais lentamente do que as exportações dos EUA como um todo.[99] Uma abertura adequada foi proporcionada pelo longo *tour* asiático em 1879 (apenas dez anos após o "episódio malfadado" de seu fracasso em tomar São Domingos[100]) do ex-presidente Grant — de modo previdente batizado de Ulisses. O objetivo desse passeio foi alertar seus compatriotas com relação às oportunidades que estavam desperdiçando. Por toda parte ele pregou modernização e progresso; em Bancoc ele encontrou sintomas de o país já estar na direção de sua futura posição como um satélite dos EUA, pois o pai de um dos dois reis era chamado de George Washington e era um pró-americano ardoroso. Quando Grant e sua esposa visitaram Pequim, uma grande nuvem de poeira foi provocada pela aglomeração de oficiais que os receberam nos portões;[101] bem mais do que foi provocado pela chegada do presidente Nixon um século depois. Também no Japão ele conseguiu uma recepção vibrante e teve várias conversas com o Mikado: sua mensagem foi que o Japão não devia brigar com a China, pois isso só fortaleceria a ascendência desastrosa da Europa.[102]

No Japão, cujos mercados foram por muito tempo relativamente insignificantes, o lado idealista da visão americana era mais amplo. Foi bem representado por muito tempo por John Armor Bingham, que obteve um certo

prestígio como amigo e conselheiro do Japão, enquanto alguns dos estrangeiros contratados pelo governo japonês foram seus compatriotas. "O objetivo dos americanos é, sem dúvida, transparente", escreveu o irado ministro britânico Harry Parkes em 1878 — fazer com que os japoneses considerem os europeus e, acima de tudo, os britânicos, seus inimigos.[103] Bingham combinou com muita sinceridade algo da sabedoria da serpente, pois achava que a Europa estava bloqueando o comércio americano na Ásia, e sempre incutia no Departamento de Estado, com muitas alusões à Justiça, que o Japão tinha de ser bem tratado porque era uma porta natural para o comércio americano.[104] Outros países temiam que a América os deixasse na mão com relação à questão há tempos debatida das demandas japonesas por revisão de "tratados desiguais"; como de fato aconteceu em 1878 quando Bingham persuadiu o governo a fazer concessões ao Japão. Sua motivação mostrou-se egoísta no sentido de que liberação tarifária para o Japão prejudicaria mais a Grã-Bretanha do que a América.[105] Um partido liberal estava pressionando por leis parlamentares, enquanto os oligarcas no poder insistiam numa constituição autoritária. Europeus (assim como na América do Sul) favoreciam a última; um governo forte era necessário para proteger interesses estrangeiros contra a animosidade do povo. A América já havia mudado de idéia com relação a esse ponto de vista no mundo todo, mas homens como Bingham eram suspeitos de encorajar a agitação liberal.

Na China, onde havia mais em jogo, a natureza contraditória de atitudes americanas havia se revelado mais cedo. Durante a guerra não declarada entre China e França no início dos anos 1880 por causa da tomada francesa de Tonkin ou Vietnã do Norte, o ministro americano em Pequim, J. R. Young, ficou ansioso para ser o mediador, apesar de não ter nenhuma chance.[106] Essa foi uma oportunidade precoce, a ser seguida por muitas outras, de a América interpretar o papel de pacificadora, do idealismo e interesse próprio junto com fé em processos de ajuste racional não compartilhado pela Europa. Porém, um chinês enviado a Washington em viagem de caráter diplomático já havia expressado desilusão com os americanos. "Estou realmente cansado deles. A opinião que eles têm de si mesmos eleva-se muito além da minha avaliação..."[107] No ano seguinte, um americano na China, comodoro Schufeldt, declarou ter uma desilusão ainda mais intensa com os chineses, que ele achava que deviam ser tratados com "justiça incontaminada por sentimentalismo".[108] Ele foi contrata-

do em 1881-82 para conseguir um tratado comercial com o protetorado chinês da Coréia, ainda o fechado "Reino Eremita", no qual todos os estrangeiros estavam começando do zero. Conservadores coreanos, como se previssem o que uma presença americana significaria para o país no futuro, sentaram-se às centenas, durante uma semana, vestidos em roupas de luto, fora do palácio.[109] Superficialmente, o tratado poderia parecer bastante justo, escreveria um historiador americano, mas constituía "o instrumento que deixou a Coréia sem rumo no oceano de intrigas que ela não tinha condições de controlar".[110]

Seguiram-se manobras americanas para obter concessões na Coréia, competindo com interesses britânicos.[111] Idéias sobre obtenção de grandes lucros com a construção de ferrovias na China atormentavam mentes americanas e européias, e Charles Denby, que foi ministro em Pequim de 1885 a 1898, era advogado de ferrovias e adepto de políticas para incitar interesses estrangeiros na China por meio de métodos firmes. A América estava assumindo uma parte ativa na "Batalha das Concessões" travada na China durante os anos 1890, que parecia estar levando a uma divisão do país. Em 1897 funcionários comerciais americanos na China somavam 1.564, um número que só era sobrepujado pelo total de britânicos — 4.929.[112] (Em número de empresas, a América, com apenas 32, ficava em quarto lugar em relação às 374 da Grã-Bretanha: evidentemente, empresas americanas tendiam a ser maiores, com maiores chances de serem ouvidas pelo governo.) Em 1898 uma empresa de desenvolvimento sino-americana, com a participação de Rockefeller e Harriman, estava trabalhando num contrato para construir uma estrada de ferro de Hankow até Cantão; houve uma desavença complicada com interesses divergentes, mas, no início de 1899, realizou-se um acordo de parceria com a Corporação Britânica e Chinesa,[113] precursor de muitas iniciativas americanas subseqüentes para formar agrupamentos capitalistas internacionais.

Realizando uma busca em 1899 em nome da Câmara Britânica de Comércio, o almirante lorde Charles Beresford descobriu que, embora o comércio com a China representasse apenas 8% do comércio total americano, era maior do que aparentava porque muitos bens americanos estavam chegando à China através de mãos inglesas. Em Xangai esse foi o caso com 60% de produtos têxteis fabricados em tamanhos padronizados, cuja quase totalidade foi transportada em navios mercantes ingleses, sendo que algumas empresas americanas no país eram em parte britânicas. A concorrência americana com certeza

iria crescer; Beresford ouviu falar de fábricas sendo construídas nos Estados Unidos para fornecer ao mercado chinês.[114] A China foi considerada cada vez mais o mercado dos mercados, a salvação da superprodução. O que se revelaria em grande parte uma fantasia; mas poderia ser útil para escoar o excedente americano, e mais ainda para manter a confiança americana.

Toda essa movimentação para o exterior estava trazendo consigo uma nova consciência da importância de habilidades diplomáticas. Até então, a maior parte da diplomacia do país havia sido tão dura quanto seus navios de guerra de madeira, e com freqüência desorientada. Durante a Guerra do Pacífico houve um recorde impressionante de trabalho malfeito e objetivos divergentes por parte dos representantes nas três capitais envolvidas.[115] Os profissionais europeus que lidaram com esses amadores só precisavam lhes dar corda para que se enrolassem e os consideravam pouco superiores aos enviados ou políticos da própria América Latina. Muitas vezes se suspeitou de corrupção. Houve um escândalo um pouco antes ligado a um general Schenk, ministro em Londres, e um empreendimento duvidoso ao qual ele emprestou o nome.[116] Todavia, em linhas menos irregulares, o necessário era a colaboração proveitosa com interesses privados. Isso estava nascendo, em particular no Leste distante, onde antes do final do século um novo tipo de representante estava emergindo, mais confiável e realista do que a antiga espécie. Foi também no Leste que, no final do século XIX, foram iniciados esforços para treinar um corpo de diplomatas de carreira, protegidos contra os riscos do empreguismo. Jovens ricos desocupados, muitos dos quais estavam se alistando basicamente de olho na distinção social,[117] provavelmente não se sentiriam atraídos por Pequim ou Tóquio. Temos algumas memórias divertidas da parte de um dos novos cadetes, contando que instruções de Washington eram tão raras e tão espaçadas que só se podia imaginar os pontos de vista do governo lendo jornais com seis semanas de atraso.[118] No Departamento de Estado um círculo interno mais próximo considerava o secretário um intruso, e os serviços diplomáticos e consulares "inimigos públicos".[119]